

## **“SANTA” MANOELINA DOS COQUEIROS**

*(Uma pequena contribuição ao registro das crendices, da cultura e religiosidade populares)*

**José Antônio de Ávila Sacramento**

No princípio da década de 1930, no povoado dos Coqueiros, situado a cerca de 12 km da atual cidade de Entre Rios de Minas-MG, acreditava-se uma moça fazia milagres. O nome dela era Manoelina Maria de Jesus, mas ficou mais conhecida pelo apelido de “Santa” Manoelina dos Coqueiros. Nascida no ano de 1911, Manoelina era uma moça simples, pobre, analfabeta, honesta e religiosa muito fervorosa, que vivia cantando benditos<sup>1</sup> e que se alimentava apenas da água que se transformava em vinho pelas suas orações.

Naquela época, Entre Rios chegou a ficar conhecida quase que no país inteiro, principalmente por causa das reportagens veiculadas na revista "O Cruzeiro" e no Jornal "A Noite", com o repórter David Nasser narrando os milagres de Manoelina, que nunca recebeu dinheiro por tais prodígios.

O lugarejo de Coqueiros (retiro Velho) ficava sempre cheio de doentes e romeiros e a notícia dos milagres que ela operava ganhou pernas, se espalhou por MG e pelas mais diversas regiões do Brasil. O local, como era de se esperar, tornou-se um centro de fé e curiosidade. Os poucos carros da época não davam conta de transportar romeiros que vinham de toda parte, via Jeceaba. Chegavam cartas de todo o Brasil e até do exterior, as quais ela benzia e ateava fogo logo em seguida. Algumas pessoas afirmavam que algumas das correspondências continham dinheiro e que moedas eram vistas entre as cinzas das folhas de papéis queimados.

A historiadora Conceição Parreiras Abritta registrou no seu livro História de Crucilândia (Belo Horizonte, Página Studio Gráfico, 1988, pp.100 e 102-103) que: “chegavam caminhões repletos de pessoas em sua casa, gente a pé, a cavalo, pessoas vindas de todos os lados. A família de Manoelina não tinha mais sossêgo nem para trabalhar. Chegavam sacos repletos até às bordas de correspondências, muitas das quais traziam dinheiro. Vestia-se de uma túnica azul comprida e um véu branco na cabeça. Dormia em um catre de madeira, sem colchão e roupa de cama”.

O prof. Saul Martins (in:Folclore em Minas Gerais. 2ª.Ed. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1991. p.68), assim opinou: "na área do espiritismo, sobretudo o de Alan

---

<sup>1</sup> No “Dicionário Musical” o frei Pedro Sinzig - OFM define os benditos simplesmente como cantos sacros populares. Luís da Câmara Cascudo, escreveu um verbete no Dicionário do Folclore Brasileiro: “os benditos são cantos religiosos com que são acompanhadas as procissões e, outrora as visitas do Santíssimo. Denomina o gênero o uso da palavra “bendito”, iniciando o canto uníssono”.

Kardec, a primeira grande expressão revelada foi Manoelina ou Santa Manoelina dos Coqueiros, como se tornou conhecida e venerada na década de 30. Seguiram-se Chico Xavier (...), Zé Arigó...”. Num cômodo de terra batida Manoelina rezava e recebia as pessoas, muitas das quais traziam ex-votos de cera e retratos. Ela benzia água que era distribuía para as pessoas. Rezava e pedia que rezassem... Normalmente não receitava remédios.

Carlos Drummond de Andrade, sob o pseudônimo de “Antônio Crispim”, publicou no “Minas Gerais”, em 25/02/1931, uma interessante crônica a respeito de Manoelina. A crônica foi republicada na “Revista do Arquivo Público Mineiro”, ano XXXV, 1984, páginas 80-81. Drummond relatou que “...as pessoas que antigamente, no dia mais ocupado da semana, também chamado dia de descanso, seguiam para Santa Luzia, Morro Velho ou Acaba Mundo, vão hoje a Entre Rios, onde uma santa faz milagres no alto de um morro. (...) A maioria, porém, vai a Coqueiros porque Coqueiros é um lugar de bênçãos onde um diálogo se estabelece ardente e puro, entre os anjos do céu e uma cafusa da terra (...). A cafusa pede ao anjo que ponha ordem nas coisas do mundo, que retifique a perna dos paralíticos, que sare as feridas e conforte os comerciantes falidos. O anjo diz que vai providenciar e recolhe esses apelos da dor humana. Enquanto isso, no morro, distribui-se uma água que jorra da bica, e nessa água, que lava todas as misérias, os homens inquietos e as mulheres torturadas encontram a paz que inutilmente haviam perdido nos santuários, nas ruas e nos cinemas deste mundo. A santa, que é pobre, inspira mais confiança aos pobres que outras santas, e sendo trabalhadora humilde da fazenda, tudo a recomenda ao carinho dos humildes, dos pequeninos, que até agora não tinham uma representante direta na classe das taumaturgas (...). A lição de Manoelina aos aflitos e curiosos que a procuram é uma lição de humildade (...). Na sua casa de barro, entre coqueiros, diante do trezinho da Central em que todos os doentes e infelizes de Minas e do Rio tomaram passagem, a santa rural fornece água, consolo, palpites de loteria, indicações para ser feliz em amor, e mil outras coisas importantes...”.

A fama da virtuosa Manoelina chegou até a região de São João del-Rei. Eu articulista já ouvi da minha avó, dos meus pais e de alguns amigos mais idosos relatos de que romarias eram organizadas da nossa região com destino a Coqueiros. Alguns dos meus ascendentes participaram daquela peregrinação ao encontro de Manoelina. Ir a Coqueiros era como, se assim posso dizer, um programa imperdível da época, quer seja pela curiosidade, pela fé ou pelo simples orgulho de ter o que dizer para os amigos.

Em 1932, as presenças de José Vespasiano de Abreu (vulgo “Pinho”, então fazendeiro de Nossa Senhora de Nazaré, atual Município de Nazareno - MG), Francisco Mattar (o “Chico Turco”)<sup>2</sup>, José Lopes da Silva (“Nhonhô Lopes”) e

---

<sup>2</sup> Saiba mais sobre o Chico Turco em: <https://patriamineira.com.br/wp-content/uploads/2023/07/A-trapizonga-do-Chico-Turco.pdf>

Evandro Ávila (o “Vandico”, pai do advogado Wainer Ávila) foram registradas numa fotografia. O quarteto encontrava-se postado defronte ao casebre de Manoelina, montado nos seus vistosos cavalos.

Manoelina Maria de Jesus, vítima d’uma anemia profunda, faleceu na cidade de Crucilândia-MG, aos 49 anos de idade, no dia 14 de março de 1960. A *Santinha dos Coqueiros* foi enterrada no cemitério paroquial daquela cidade, na sepultura número 284, onderomeiros ainda a invocam e por intermédio dela dizem receber graças deixando ali, em retribuição, muitas flores.....

Creio que o relato de vida de Manoelina e a fama que ela adquiriu como milagreira encaixam-se no que frei Chico (Franciscus Henricus van der Poel) e Lélia Coelho Frota escreveram no Abecedário da Religiosidade Popular – Vida e Religião dos Pobres): “a religiosidade popular tem uma dimensão histórica e é essencialmente manifestação de vida. É a fé católica dentro de uma realidade muito concreta. No ano de 1992, os bispos da América Latina reafirmaram, em Santo Domingo, sua opção preferencial e bíblica pelos pobres e defenderam a inculturação do Evangelho nas mais diversas culturas. Achamos que, sem conhecer e valorizar o sistema das culturas, dos comportamentos e das formas de fé que constituem a religiosidade popular, não será possível imaginar esta inculturação”.



Jornal “O Malho”, de 09 de maio de 1931, repercute a história de Manoelina (na janela).

# A "SANTA" DE COQUEIROS



Manoelina Maria de Jesus, a "Santa" de Coqueiros

NOTA: Versão deste texto foi publicada na revista *MemóriaCult*, edição número 25, em julho de 2019, páginas 13-15. Confira em: [http://memoriacult.com.br/wp-content/uploads/2019/08/mc25\\_site\\_bx.pdf](http://memoriacult.com.br/wp-content/uploads/2019/08/mc25_site_bx.pdf)